



A FLUIDEZ DA LINGUAGEM POLÍTICA E OS QUADROS SOCIAIS DE REFERÊNCIA DA MEMÓRIA

Tatiane Malheiros Alves
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: tatymalheiros@hotmail.com

Lívia Diana Rocha Magalhães
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: lrochamagalhaes@gmail.com

INTRODUÇÃO

Ao nos reportarmos à história educacional no Brasil, observamos que, principalmente, a partir da década de 1930 e, particularmente, durante o Estado Novo, a escola aprofunda - mediante o uso da linguagem - na difusão da memória nacional, para a formação de homens e mulheres patriotas investindo num modelo de moral, civismo e civilidade. Nesse intuito, foi realizada uma pesquisa acerca da linguagem escolar e, mais precipuamente, como a escola torna-se um recurso elementar de formação de homem e mulher cristãos, religiosos, que interiorizem uma memória nacional de comprometimento e consenso social em torno da nação e da escolarização. Por sua vez, os signos linguísticos tornam-se bastante utilizados nas escolas, nas suas solenidades e nos espaços públicos visando a alcançar e garantir sua visibilidade e ação social. Nos anos da Ditadura Militar, esses signos são recuperados, com vigor similar, por meio da linguagem expressa na bandeira, no hino e nas canções religiosas em que parecem articular povo e nação.

Com o objetivo de perscrutar a linguagem como um marco de referência das memórias que se estruturam coerentemente umas às outras - articuladas sobre o mesmo campo de significação -, o signo linguístico foi utilizado sob o prisma de ser um importante capital político que transita com seus significantes e significados de um regime político a outro, sendo, portanto fluido e perene.

É nesse contexto que circunscrevemo-nos na escola Getúlio Vargas¹, inaugurada

¹ A Escola Getúlio Vargas era (e continua sendo) uma instituição que ofertava o Ensino Primário durante o Estado Novo, no decorrer do Regime Militar, até os anos de 1990. Ensino Primário é o que, hoje, denomina-se Ensino Fundamental do 1º ao 5º Ano. A Escola sempre ministrou somente as séries iniciais do Ensino Fundamental, por esse motivo, durante a ditadura civil-militar, as disciplinas instituídas por esse regime para reforçar o comportamento conciliador e sistêmico dos estudantes não tinham autorização para



na década de 1930 do século passado e, mesmo assim, permanece sendo um marco social na memória da cidade de Guanambi até os dias atuais. As políticas educacionais do governo Getúlio Vargas, sobretudo durante o Estado Novo, ecoam na memória social, coletiva e individual² daqueles que participaram direta ou indiretamente da escola e, sobretudo, daqueles que estudaram, foram professores nos anos de 1964, um tempo em que o nacionalismo, o patriotismo, o civismo e a religiosidade que alicerçam a escola são recuperados como patrimônio educacional.

METODOLOGIA

Nosso interesse reside no processo de interiorização e construção da memória inscrita e escrita na escola que vai comparecendo e ritmando o cotidiano da educação em dadas situações ao longo do tempo. Pressupomos que escolas, como a Getúlio Vargas, que se organizam e se consolidam durante o Estado Novo, transitam por anos democráticos e se recompõem durante o regime ditatorial de 1964, continuarão modulando a realidade de uma sociedade, de uma escola, por meio de uma memória apreendida, considerando o forte apelo dessas políticas mediante o uso, sobretudo, de recursos linguísticos de caráter ideológico; recursos que se tornam quadros de referências para as memórias individuais, sociais e coletivas vividas e recebidas, mantidas em suas modificações por meio de discursos e linguagens comuns que se perpetuam ao longo do tempo.

Do ponto de vista metodológico, balizamo-nos, portanto, na discussão das múltiplas temporalidades que atravessam a construção da memória social; a Escola Getúlio Vargas é reconstruída, em um vai-e-vem simbiótico, por aqueles que tiveram atuação nesse espaço escolar, mas também fora dele, na própria cidade e na comunidade, sentindo-se pertencentes como parte desse processo, e, embora não tenham vivido durante o Estado Novo, reportam-se às suas políticas como legítimas e alusivas a outros períodos, particularmente aos que ali estiveram.

se amplificar naquele espaço, visto que, por exemplo, Educação Moral e Cívica (EMC), componente curricular criado em 1969, era canalizado para jovens que atuavam diretamente na sociedade. Não entanto, a instituição apresenta registros e traços que se perfilam para impor a disciplina e a prática educativa no currículo.

² Conforme preconiza as teorias de Halbwachs (2009).



E, como já foi ressaltado, partimos da pressuposição de que essas memórias se ancoram em um dos seus marcos fundamentais: a linguagem personificada como signos e símbolos que formaram parte dos projetos nacionalistas de escola pautados nos ideais positivistas da moral, do civismo e da religiosidade postos a serviço do patriotismo.

Para a realização da pesquisa, buscamos relatos de ex-alunos que frequentaram a Escola Getúlio Vargas entre 1967 e 1971, anos que compuseram parte de sua formação do Ensino Ginásial - 7 a 14 anos, hoje, Ensino Fundamental, e relatos de ex-docentes, professoras que tiveram suas trajetórias registradas na instituição durante as décadas de 60, 70 e 80 do século passado, ou seja, de sujeitos que recebem a memória de uma escola cujas bases sócio-pedagógicas e políticas nascem durante os anos do Estado Novo; esses, embora não tenham vivido nessa época, vão transitar por modelos pedagógicos que constituem seu pilar e que acabam florescendo nos anos em que eles eram alunos ou professores da escola, período que compreende a ditadura militar.

Entrevistamos ex-docentes e ex-discentes que protagonizaram e compuseram os anais da instituição, vivenciaram a escola entre os anos de 1950 e 1970, seja como professoras, a exemplo de N.A.B., E.G.C.L. e H.L.S, ou como alunos (as), como o caso de E.G.C.L., J.C.L.C. e C.M.T. Alguns desses sujeitos participaram da instituição nos anos posteriores ao Estado Novo e durante os anos da ditadura civil-militar. São docentes e membros do corpo discente que receberam diretamente essas incursões de doutrinação conservadora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trânsito feito pelo objeto da pesquisa direciona o trabalho de uma ponta a outra no recorte temporal que a Escola Getúlio Vargas traça ao longo de sua existência. No entanto, a elasticidade do tempo, que comparece nas narrativas, indica-nos uma continuidade que não se rompe com as mudanças de governo, mas que se reconfigura mantendo em seu cerne e na latência as características inspiradas no conservadorismo e na Constituição autoritária que foi tão cara a Vargas.

Os documentos escritos e orais coletados a partir da Escola Getúlio Vargas em Guanambi-BA noticiam que há um conjunto de elementos dispostos ordenadamente e em consonância para atender, inicialmente, aos propósitos do regime varguista. A religião e



o civismo manifestam-se nesses documentos e revelam que, durante todo o processo, foram o esteio sobre o qual a disciplina e a ordem se repousavam para construir um país coeso baseado nas teorias nacionalistas e conservadoras.

As formas simbólicas que exaltavam o nacionalismo brasileiro foram conformando-se para a organização do Estado Novo e a legitimidade do seu líder político, Getúlio Vargas, e foram projetadas para a determinação de uma escola cujo modelo visava a manter esse regime político na história e memória nacional. E, assim, essa formação de mentes e corpos poderia ser revertida de forma rápida com o processo de redemocratização nos anos de 1940, muito pelo contrário, o nosso estudo revela que deve ter reverberado na memória vivida e transmitida dentro dessa estrutura escola, moldando, inclusive, uma memória social de escola exemplar. Ainda mais considerando que, logo adiante, na ditadura militar, reacende essa memória, utilizando-se da força para conter outras manifestações. Tudo indica que esse processo de fortalecimento de uma escola de ordem cívica, religiosa e nacionalista persiste em sua dialética na formação de uma geração que ainda vive ou viveu até recentemente.

Os documentos escritos e orais revelam que a linguagem de exaltação ao civismo e ao patriotismo se associam à linguagem religiosa católica como forma de construir um esteio e uma estrutura que consubstanciasse o projeto de governo inspirado no modelo positivista de contingência da sociedade e de doutrina da ordem. E, desse modo, refletindo e refratando uma linguagem conservadora, a Escola Getúlio Vargas é estandardizada à condição de modelo educacional que se perpetua por meio da memória e ancora-se em marcos de referência como a linguagem e o espaço físico – compreendido também como uma manifestação da linguagem.

CONCLUSÕES

A pesquisa revelou que governo ditatorial getulista empreendeu-se em criar organismos que visavam à educação da população, ao controle das comemorações e das manifestações populares, além de impor uma inspeção constante aos meios de comunicação visando construir uma memória nacional que pudesse torná-lo legítimo e prestigiado pelas massas. A análise e cotejamento dos dados assinalaram que a Escola Getúlio Vargas foi um dos nichos de investidura do governo e o ideal de brasilidade e a



renovação requerida foram embebidos no e por esse espaço escolar. Apresentado como um período de redenção, o Estado Novo alistava-se uma nova fase política de expurgo dos erros do passado.

Vimos pelas fontes orais e escritas que a memória construída dialeticamente e marcada por princípios conservadores ancora-se na linguagem como quadro social elementar e ideologicamente sistematiza-se para a construção de uma base conservadora que foi determinante para a consubstanciação do Estado Novo e, com efeito, para a ordenar as políticas educacionais que ecoaram nas instituições de ensino, a exemplo da Escola Getúlio Vargas. Os princípios ideológico-doutrinadores movimentaram-se entre os sujeitos de uma época à outra por meio dos quadros de referência da memória, sobretudo, a linguagem, importante recurso de transmissão de valores que permaneceram vigentes nas décadas seguintes e encontraram marco de referência para se reorganizarem durante os anos seguintes a 1964.

Os documentos analisados apontaram que a trajetória da escola transitou por todos os regimes políticos após 1938, períodos de ditadura intercalados com períodos de democratização. Sendo assim, certificamos que, embora historicamente haja mudanças de regimes políticos, as memórias e as ideologias construídas e apropriadas na época da inauguração da Escola atravessam seus marcos temporais, movimentam-se, sobretudo, por meio da linguagem e estruturam um modelo pedagógico para manter-se e perdurar.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Linguagem; Educação; Nacionalismo.

REFERÊNCIAS

HALBWACHS, M. **Los marcos sociales de la memória.** Caracas: Anthropos, 2004.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2009.